

Resultados do Censo Escolar exigem análise aprofundada



» ERNESTO MARTINS FARIA
Diretor-fundador do Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Ide)

A divulgação anual do Censo Escolar é um dos principais momentos para compreender a evolução da educação brasileira. Os dados são fundamentais para avaliar o cenário em relação a matrículas e perfis docentes, fluxo escolar e funcionamento das escolas. A edição mais recente, porém, trouxe questões que precisam ser analisadas com atenção.

Antes da apresentação oficial dos resultados de 2025, ocorrida em 26 de fevereiro, jornalistas que cobrem educação receberam, sob embargo, uma versão atualizada da Sinopse Estatística do Censo. O material foi disponibilizado sem textos explicativos ou contextualização mais detalhada. Ao examinar os números, diversos profissionais identificaram uma queda expressiva nas matrículas, especialmente no ensino médio, o que motivou questionamentos durante a coletiva de imprensa do Ministério da Educação (MEC) e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

A reação de surpresa não foi infundada. Os dados indicam redução superior a 400 mil matrículas entre um ano e outro — mais de 5% do total de matrículas da última etapa da educação básica. Oscilações são esperadas por mudanças demográficas ou de fluxo escolar, mas variações dessa magnitude são incomuns em períodos tão curtos.

Alguns indicadores do próprio Censo ajudam a avaliar melhor esse movimento. Um deles é o número de matrículas entre jovens de 15 a 17 anos, população ainda sem idade para já ter concluído o ensino médio. Outro é a comparação entre gerações de estudantes. Por exemplo: analisando quantos alunos estavam no 1º ano e aparecem no 2º no ano seguinte. Essas análises sugerem que houve redução relevante no número de estudantes ao longo da trajetória escolar.

No caso da rede estadual de São Paulo, a queda apontada pelo Censo Escolar foi particularmente expressiva. A Secretaria Estadual de Educação afirmou que parte da redução, pela alegação deles, está associada a mudanças na forma de contabilização das matrículas. Segundo a pasta, estudantes poderiam aparecer mais de uma vez nos registros quando estavam vinculados simultaneamente ao ensino regular e a um itinerário formativo técnico, por exemplo.

Se essa explicação estiver correta, surge uma questão relevante para o Inep: em que medida registros duplicados podem ter inflado o número de matrículas nos anos anteriores? E esse problema ocorreu apenas em uma rede ou pode ter afetado outros estados?

O tema é ainda mais relevante diante das mudanças recentes no ensino médio. A implementação dos itinerários formativos ampliou a complexidade da organização curricular e dos registros administrativos associados às matrículas. Por isso, torna-se essencial que o Inep examine com cuidado se houve inconsistências ou duplicações na mensuração das matrículas nessa etapa.

Outros dados divulgados também merecem investigação mais aprofundada. Na educação infantil, por exemplo, alguns números indicam redução

nas matrículas em determinadas faixas etárias. Parte dessas variações pode refletir mudanças demográficas, já que o Brasil vive um processo de queda da fecundidade. Ainda assim, compreender adequadamente esse fenômeno exige análises conjuntas com especialistas em demografia.

Outro indicador que chamou atenção foi a redução da distorção idade-série. Em princípio, trata-se de uma notícia positiva, pois sugere melhora no fluxo escolar. No entanto, a base longitudinal do Inep precisa ser explorada com atenção para verificar se parte dessa redução não está associada à saída de estudantes mais velhos da escola regular e à migração para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Um fator adicional dificulta o aprofundamento dessas análises: nos últimos anos, mudanças no formato de divulgação dos microdados do Censo Escolar, decorrentes da interpretação do Inep sobre a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), reduziram a possibilidade de acesso público a bases em que cada matrícula apareça como uma observação individual. Esse tipo de estrutura é essencial para que pesquisadores independentes possam examinar trajetórias escolares, identificar inconsistências e contribuir para o aprimoramento das estatísticas educacionais.

O Censo Escolar é uma das principais ferramentas de monitoramento das políticas educacionais brasileiras. Sua credibilidade depende não apenas da qualidade da coleta de dados, mas também da transparência e da possibilidade de escrutínio público. Diante das dúvidas levantadas sobre as matrículas, torna-se fundamental aprofundar as análises e garantir que os dados do Censo continuem sendo um instrumento confiável para acompanhar o direito à educação no país.



Sem Lobo Antunes, o romance brasileiro do século 21 seria mais convencional



» JOSÉ MANUEL DIOGO
Escritor, cronista, consultor internacional e produtor cultural

Há uma pergunta que raramente se faz quando se fala da literatura brasileira contemporânea: por que razão tantos romances brasileiros das últimas décadas passaram a abandonar a narrativa linear para explorar a memória, a fragmentação e a consciência?

A resposta não está apenas dentro do Brasil. Parte dela atravessa o Atlântico e encontra-se na obra de Antônio Lobo Antunes.

Durante grande parte do século 20, o romance brasileiro foi dominado por uma poderosa tradição realista e social. Escritores como Graciliano Ramos, Jorge Amado ou Érico Veríssimo narraram o país em formação, explorando as tensões sociais, as desigualdades e as paisagens humanas do Brasil. Era uma literatura profundamente voltada para o exterior — para a observação do mundo e da história.

O que Antônio Lobo Antunes fez foi deslocar o eixo da narrativa. Nos seus romances, o centro da literatura deixa de ser o acontecimento e passa a

ser a consciência. A história não avança em linha reta; emerge de lembranças fragmentadas, vozes que se sobrepõem, memórias que regressam de forma inesperada. O romance transforma-se numa investigação da mente humana.

Essa mudança teve consequências importantes na literatura de língua portuguesa. No Brasil, escritores que surgiram nas últimas décadas passaram a explorar o romance como um território de memória e introspecção. A narrativa tornou-se menos preocupada em explicar o mundo e mais interessada em compreender a experiência interior.

O escritor Milton Hatoum construiu uma das obras mais sólidas da literatura brasileira contemporânea explorando precisamente esse território. Em romances como *Dois Irmãos*, a história familiar é reconstruída por meio de múltiplos narradores e de uma memória marcada por conflitos, silêncios e ressentimentos.

Na obra de Julián Fuks, essa investigação da memória assume uma dimensão ainda mais explícita. Em *A resistência*, o narrador escreve para compreender uma história familiar atravessada pela ditadura e pelo exílio. O romance torna-se um processo de reconstrução da identidade através da linguagem.

Já Luiz Ruffato radicaliza essa tendência ao transformar o romance numa multiplicidade de vozes. Em *Eles eram muitos cavalos*, São Paulo surge como um mosaico narrativo

onde diferentes experiências se cruzam num mesmo dia. A cidade deixa de ser apenas cenário; torna-se uma polifonia de consciências.

Em todos esses casos, o romance deixa de ser apenas uma narrativa de acontecimentos. Torna-se um espaço de investigação da experiência humana, e é precisamente aqui que a herança de Lobo Antunes se revela. A sua obra demonstrou que a literatura em língua portuguesa podia abandonar a linearidade clássica e explorar estruturas narrativas mais complexas — fragmentadas, polifônicas, introspectivas.

Essa liberdade estética abriu caminho para novas gerações de escritores. Num tempo em que o mercado editorial frequentemente privilegia narrativas rápidas e acessíveis, a obra de Lobo Antunes lembra que o romance pode ser uma forma exigente de conhecimento. Os seus livros não procuram apenas contar histórias. Procuram compreender o que acontece dentro das pessoas quando as histórias terminam.

Talvez seja por isso que a sua influência continua a atravessar o Atlântico. Menos como escola literária, sempre como horizonte estético. Porque os grandes escritores não deixam apenas livros. Deixam possibilidades.

Essa é precisamente uma das possibilidades que Antônio Lobo Antunes abriu para a literatura brasileira: escrever romances que não tenham medo de explorar a complexidade da consciência humana.

Revolução no acesso ao crédito para o empreendedorismo feminino



» MARGARETE COELHO
Diretora de Administração e Finanças do Sebrae

As mulheres empreendedoras no Brasil historicamente enfrentam obstáculos consideráveis no acesso ao crédito. Elas são confrontadas com taxas de juros mais elevadas e acessam, em média, valores mais baixos do que aqueles aprovados para negócios liderados por homens. Essa disparidade não se deve a uma suposta menor capacidade de pagamento, mas, muitas vezes, à falta de garantias formais, à dificuldade em comprovar histórico de crédito robusto e a preconceitos de gênero ainda presentes no sistema financeiro.

A situação não apenas limita o potencial de crescimento dos empreendimentos liderados por elas, mas também freia o desenvolvimento econômico do país. É nesse cenário de urgência e oportunidade que o Sebrae se destaca ao implementar ações capazes de transformar essa dinâmica, promovendo maior inclusão financeira e empoderamento.

Com o objetivo de reduzir essas disparidades, o Sebrae estendeu em 2026 a garantia de 100% em operações de crédito liberadas para mulheres empreendedoras, por meio do Fundo de Aval às Micro e Pequenas Empresas (Fampe), em instituições parceiras. Essa iniciativa estratégica vai muito além da mera concessão de garantias: ela se insere no conceito fundamental de crédito orientado praticado pelo Sebrae, uma vez que estimula a redução de juros e o acompanhamento de investimentos.

O aval do Fampe, ao remover uma das principais barreiras de acesso ao crédito — a exigência de garantias reais das instituições financeiras —, é complementado por um robusto suporte que prepara a empreendedora para gerir os recursos obtidos de forma eficiente, estratégica e sustentável. A iniciativa considera empresas em que a mulher possui participação societária majoritária ou atua como sócia administradora, assegurando que o apoio chegue diretamente a quem verdadeiramente impulsiona esses negócios.

Apesar do pouco tempo de operação plena da linha Fampe 100 para mulheres, os resultados já evidenciam um impacto substancial e promissor. Considerando apenas oito meses de 2025 (a operação teve início em maio), o resultado foi notável, possibilitando a concessão de R\$ 734 milhões em crédito. Desses, 65% foram destinados a pequenas empresas, 19% a microempresas e 16% a microempreendedoras individuais. Os números demonstram a abrangência da iniciativa e a velocidade com que o Sebrae consegue suprir uma demanda repressada por crédito qualificado no mercado.

Um dos dados mais reveladores do programa — e que contribui para a quebra de preconceitos — é a taxa de inadimplência. As operações com aval do Fampe para mulheres donas de negócios apresentaram uma taxa de inadimplência de apenas 2,4% em 2025. Nas operações que recebem apoio do Fampe (sem recorte de gênero), a inadimplência é de 4,9%. Comparado com o mercado global de operações de crédito para pequenos negócios, as operações com o apoio do Fampe têm uma taxa de inadimplência 39% menor do que o mercado. Isso mostra que orientação é fundamental para criar um ambiente seguro e sustentável economicamente para os negócios. O Sebrae não se limita a ser um garantidor; ele atua como um parceiro estratégico no desenvolvimento da capacidade gerencial das empreendedoras.

Por meio de consultorias especializadas, oficinas de gestão financeira, planejamento estratégico e acesso a ferramentas e metodologias de controle orçamentário e fluxo de caixa, as mulheres empreendedoras adquirem o conhecimento e as habilidades necessárias para otimizar o uso do crédito, entender seus balanços e projeções, identificar gargalos financeiros e tomar decisões mais informadas e assertivas sobre o uso do capital. Esse acompanhamento contínuo assegura que o capital seja acessado e inteligentemente investido, transformando o empréstimo em uma alavanca para o crescimento sustentável do negócio, e não em um fardo.

Nesse contexto, as ações do Sebrae, ao oferecerem uma garantia robusta e direcionada ao empreendedorismo feminino, intrinsecamente ligadas à prática do crédito orientado, não apenas facilitam o acesso ao crédito, mas também enviam uma mensagem clara e forte ao mercado financeiro e à sociedade: investir em mulheres donas de negócios é seguro, rentável e absolutamente essencial para a equidade e para o desenvolvimento econômico e social do Brasil.